

## Aventuras, desventuras e amores na ilha de Santa Maria dos Açores

### NOTA DE INTRODUÇÃO

Quem, à distância, conheceu o Prof. A. Sedas Nunes alimentará, provavelmente, a seu respeito, uma imagem que não deixará de ser simultaneamente verdadeira e falsa. Nessa imagem predomina o perfil do investigador distante e racionalista, rigoroso e metódico, disciplinado e disciplinador, sóbrio e comedido, em suma, prudente. Nada de mais verdadeiro. Mas também sabemos que a prudência sociológica nos faz, muitas vezes, arrambar portas abertas, depois de trilhados os gastos caminhos das falsas evidências, dos consagrados métodos. Aplicada ao Prof. A. Sedas Nunes, esta imagem seria desprovida de sentido.

Fazendo da dúvida mais radical a razão do conhecimento, nunca os perigos ou riscos associados à descoberta (imprudente?) de vias menos convencionais (duvidosas?) do conhecimento científico tolheram a liberdade do seu pensamento, nem o levaram a tolher a liberdade de pensamento dos seus discípulos. Ora, tendo eu tido o privilégio de ser um dos que mais o acompanharam nos últimos anos de vida, queria justamente testemunhar quanto das nossas conversas tinham de *vaguear sociológico*. Como aconteceu quando lhe relatava episódios das minhas férias na ilha de Santa Maria, nos Açores. Discutíamos longamente algumas curiosidades da ilha, que também conhecia, de passagem. O que me impressionava era como os meus relatos de viagem acabavam por ter prioridade absoluta sobre muitos outros escritos que ele tinha de ler por «obrigação» (como alguns capítulos da minha tese de doutoramento). Com ele aprendi que nunca a eficácia de um método de pensar se revela tão bem como na capacidade de tentar construir objectos científicos a partir de fenómenos sociais aparentemente insignificantes.

O ensaio sociológico com que agora o homenagem aborda alguns enigmas sociológicos que encontrei em Santa Maria: *os cabelos cor de ouro*, *o doce olhar das marienses* e *o Rosa Mota das acelerações*. Muito conversámos, em animadas tentativas para ensaiar *puzzles* explicativos desses enigmas. Provavelmente, eles devem ser entendidos à luz do tráfego amoroso e do controle aéreo existentes na ilha — foi o que concluímos e é o que neste ensaio sociológico se conclui.

O Prof. A. Sedas Nunes viria a ser internado no hospital, encontrava-me eu na ilha de Santa Maria. Nunca mais falei com ele. Morreu dias após o meu

---

\* Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

regresso. Aqui lhe deixo, em modestíssima homenagem, este texto. Quanto gostaria que o pudesse ter lido e criticado...

## 1. UM SOCIÓLOGO EM FÉRIAS

Descobri Santa Maria como turista, acompanhado de mulher e filhos, em pacatas férias familiares. Curiosamente, levava na bagagem o romance de Anne Tyler, *Turista por Acidente*. Foi também por acidente que descobri que podia olhar para Santa Maria como um *tesouro sociológico*, uma ilha de enigmas e interrogações, de mistérios e significações. Pouco a pouco, o turista foi dando lugar ao sociólogo, sem, no entanto, saber qual o desempenho que melhor o identificaria. Turista por acidente ou sociólogo em férias?

Acidentalmente turista e incidentalmente sociólogo, não só a beleza natural da ilha me deslumbrou. A sua paisagem social acabou também por me provocar um vivo interesse. Três aspectos desde logo me chamaram a atenção:

- 1.º Os cabelos louros de algumas crianças e jovens, nomeadamente depois de saber que os seus ascendentes possuíam cabelo escuro (foi Terê, minha companheira de viagem, quem, desconfiada, me chamou a atenção para um eventual e comprometedor significado dos *cabelos louros*);
- 2.º O olhar penetrante e doce das jovens marienses, nomeadamente quando dirigido aos continentais (esta foi uma descoberta minha, embora corroborada pelo ar inquieto e ciumento de Terê);
- 3.º Finalmente, chamou-me a atenção um deficiente mental, o Zé Carlos, mais conhecido por *Rosa Mota*, nome da única atleta portuguesa que conseguiu uma medalha olímpica de ouro, e logo na maratona. Por pensar que é carro, *Rosa Mota* percorre a ilha em longas correrias, telefonando bem sonorizada debaixo do braço, fazendo acelerações como um automóvel (*brrr... brrr...*) e tendo o particular cuidado de, nas curvas ou subidas, simular adequadas mudanças de velocidade. O *Rosa Mota* é alvo de escárnio de rapazes e homens marienses, os quais, por vezes, lhe sugerem que se vista de mulher, o que ele faz com grande rigor e perfeccionismo, pois, como dizem, «faz tudo o que lhe mandam».

Tomei estas curiosidades como enigmas que, à partida, não vi meios de decifrar. Que é que poderiam indiciar? Decorrido algum tempo, levantava-se a hipótese de estar perante peças de um *puzzle* que só *sociologicamente* poderia ser decifrado ou construído — ou não fosse o conhecimento sociológico, ele próprio, um *puzzle*, uma construção. Com efeito, as estratégias analíticas de investigação em mais não consistem do que em olhar construtivamente para factos, interrogando-os, tentando relacioná-los, entrelaçá-los. Quais as conexões ou relações — se é que existem ou se vislumbram — entre determinadas peças de informação? São estes, normalmente, os caminhos da problematização sociológica, os da interrogação.

Durante a minha primeira estada na ilha de Santa Maria (Agosto de 1989) não me preocupei muito em conseguir dar respostas cabais aos enigmas que buliam com a minha curiosidade sociológica, nem cheguei a desesperar por saber se as hipóteses que inicialmente levantava, na interpretação desses enigmas, navegavam ou não para uma costa que, se calhar, só existiria na minha imaginação. No fundo, satisfazia-me poder alimentar uma «curiosidade ociosa» que Veblen tão bem sabia cultivar <sup>1</sup>.

A condição de *sociólogo em férias* ajudava-me a olhar a realidade da ilha com este desprante, misto de entusiasmo e de descomprometimento, apesar das dúvidas e incertezas que me assolavam. Afinal, mesmo quando um sociólogo chega ao termo de uma investigação, acaba, geralmente, por reconhecer que o que descobriu resultou quase sempre de um «batido» de impressões, de variáveis ou de informações recolhidas e confeccionadas em condições de grande incerteza e imprevisibilidade, condições que são próprias do desconhecimento das rotas que conduzem às descobertas científicas.

Esta predisposição para encarar a sociologia como uma aventura é tributária de um método de investigação que se aproxima de um *vaguear sociológico*: vaguear, no sentido mais vernáculo da etimologia da expressão, isto é, no sentido de andar vagueando, sem rumo aparentemente certo, com espírito aventureiro, errático até, como o faz todo o vagabundo amante da aventura. É um método que tem os seus custos ou desperdícios de energia. Mas também os seus ganhos <sup>2</sup>.

É neste vaguear sociológico que normalmente surgem os dados imprevistos ou anómalos que Merton designa por tipo *serendipity*<sup>3</sup>, dados que originam o descobrimento, por casualidade ou sagacidade, de resultados interessantes que não se buscavam. Aos poucos, neste vaguear sociológico, vamos nos apercebendo das descobertas; aos poucos fui-me apercebendo de como a realidade social da ilha se decompunha nas suas mais elementares componentes, do mesmo modo que a luz branca do Sol nos revela os segredos da sua composição quando penetra um prisma de cristal.

*Sociólogo em férias*, mas ao mesmo tempo *observador participante*, foi assim que comecei a ganhar um conhecimento intuitivo da cultura mariense e a compreender o significado das minhas observações, da mesma forma que adquiriria uma «consciência explícita» <sup>4</sup> dos pequenos detalhes das artes de aproximação e distanciação dos marienses aos continentais, ao deixar-me guiar pela minha própria experiência. Dava-me então conta de que a realidade que ia experimentando

---

<sup>1</sup> Cf. Margarita Barañano, «Thorstein Veblen: un alegato en favor de la ciencia», in *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, 1993, n.º 61, pp. 201-212.

<sup>2</sup> Cf. José Machado Pais, «Nas rotas do quotidiano», in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 37, Junho de 1993, pp. 105-115.

<sup>3</sup> Robert K. Merton, *Teoria y Estructura Sociales*, Fondo de Cultura Económica, México, 1980, pp. 180-184.

<sup>4</sup> Uso o conceito de *explicit awareness* no sentido em que é definido por J. P. Spradley, *participant observation*, Holt, Rinehart and Winston, Nova Iorque, 1980, p. 55.

ou vivendo nem sempre correspondia à realidade que ia observando ou interrogando, e nem uma nem outra correspondiam à realidade que eu julgava ser real, e muito menos à realidade a partir da qual fazia esse julgamento.

Não era apenas um *observador* que fingia *participar*. Enquanto turista, participava, como outros turistas, na descoberta da ilha e só posteriormente comecei a reflectir, a observar o que se passava e no que participava. Coisas bizarras que, para os nativos de uma comunidade, um investigador assumido pode fazer em *trabalho de campo* deixam de o ser quando se passa por um simples turista. Com indeléveis ganhos: menor reactividade por parte de quem se observa (anulação do efeito «hum!... estou a sentir-me observado...») pode significar maior validade da informação observada <sup>5</sup>. Vantagens próprias do vaguear *sociológico*.

## 2. ENIGMAS SOCIOLÓGICOS DE SANTA MARIA

### 2.1. OS CABELOS COR DE OURO

Só depois de a minha companheira de viagem me ter chamado a atenção para os *cabelos cor do ouro* é que vim a descobrir que a ilustres visitantes dos Açores se havia colocado o mesmo enigma. As opiniões dividem-se, desde logo, quanto à existência ou não dos louros. Por exemplo, para o antropólogo Arruda Furtado, que viveu em Santa Maria, são os cabelos claros ou escuros que predominam na generalidade das ilhas dos Açores, tendo a cor loura «frequência mínima» e nunca tendo encontrado olhos «verdadeiramente azuis». Já Leite de Vasconcelos se deleitava com os cabelos louros de Angra e com os bigodes da mesma cor que encontrou em Vila Franca do Campo das Furnas <sup>6</sup>. Estrangeiros de passagem pelos Açores acabaram também por registar a presença de «muitas crianças com cabelos louros e olhos azuis» <sup>7</sup>.

Cabelos louros vi-os, de facto, em Santa Maria. Mas para o que desde logo fiquei desperto foi para o significado simbólico do louro numa ilha em que, apesar de tudo, predominam os cabelos escuros. As conotações da simbologia do louro no domínio das relações extraconjugais são por de mais evidentes, nomeadamente quando se encontram crianças louras em famílias de cabe los negros — ainda por cima, numa ilha frequentemente visitada por estrangeiros.

Os *cabelos cor de ouro* serviram, portanto, para indiciar (se calhar com despropósito) certas hipóteses de investigação (desconfianças) que outros indícios

---

<sup>5</sup> Cf. Russel Bernard, *Research Methods in Cultural Anthropology*, Sage Publications, Londres, 1989, p. 150.

<sup>6</sup> J. Leite de Vasconcelos, *Mês de Sonho*, Lisboa, 1926, p. 30.

<sup>7</sup> Foi o caso de Rupert Swindells, *A Summer Trip to the Island of St. Michael*, Manchester, 1877, reprod. in João Emanuel Cabral Leite, *Estrangeiros nos Açores no Século XIX. Antologia*, Eurosigno Publicações, Ponta Delgada, 1991, pp. 79-80.

acabaram (mais a propósito) por corroborar. Por outras palavras, ao contrário do que acontece com as descrições semiológicas, não se trata, neste caso, de interpretar os fenómenos simbólicos a partir de um dado contexto, mas, ao contrário, de interpretar o contexto a partir de fenómenos simbólicos. Quando se trata de interpretar os símbolos em si mesmos, olhando para a «fonte da luz», corremos o risco de não vermos nada. Todavia, as fontes de luz existem, não para que nos deixemos encadear, mas para que possamos ver o que elas conseguem iluminar. É mais ou menos isto que se passa com o simbolismo.

A sociologia é muitas vezes afeita a desconfianças ou especulações pouco fundamentadas, até despropositadas. No entanto, da mesma forma que o povo diz que Deus, muitas vezes, «escreve direito por linhas tortas», também há descobertas sociológicas e ditas «científicas» que podem ser indiciadas ou insinuadas por falsos pressentimentos ou desconfianças. Quero com isto dizer que no caso em consideração há até argumentos históricos que justificarão a existência de cabelos louros em Santa Maria e em outras ilhas dos Açores. De facto, povoadas nos começos do reinado de D. Afonso V, os Açores receberam um importante «sopro de colonização» daquelas «gentes de diversas nações» de que os cronistas do infante D. Henrique nos falam <sup>8</sup>. A par dos portugueses <sup>9</sup>, alguns dos primeiros donatários das ilhas foram também flamengos e bretões, como o atesta a antroponímia açoriana dos apelidos e os próprios nomes de lugar nalgumas ilhas <sup>10</sup>. Medições de crânios açorianos permitem, de igual modo, considerar o tipo «açoriano» como influenciado por elementos do Norte da Europa <sup>11</sup>.

Contudo, esta realidade não ofusca uma outra realidade que me era dada pela desconfiança da minha companheira de viagem em relação ao mistério dos *cabelos cor de ouro*. Achei então por bem penetrar nos meandros dessa desconfiança — o mesmo é dizer no universo da simbologia dos *cabelos cor de ouro* — e acabei dando comigo a divagar sobre o «porte» das marienses no domínio das relações amorosas.

A fragilidade das marienses ao contacto com os forasteiros da ilha parece já vir de longe. Algumas terão sido «desonradas» quando a ilha foi invadida e saqueada por corsários de diversas nacionalidades. As mais importantes investidas de pirataria deram-se em 1576 (franceses), 1589 (ingleses), 1616 (argelinos) e 1675 (mouros), tomando ainda maior incremento durante o século XVII, sobretudo

<sup>8</sup> Vitorino Nemésio, *O Açoriano e os Açores*, Edições da Renascença Portuguesa, 1929, p. 9.

<sup>9</sup> No caso de Santa Maria, a colonização iniciou-se com gentes das Beiras, Alentejo e Algarve, gentes que se encontravam mais próximas do «centro de acção» do infante D. Henrique (cf. *Apontamento Histórico e Etnográfico das Ilhas de S. Miguel e de Santa Maria*, vol. IV, Direcção Escolar de Ponta Delgada, 1986, p. 12).

<sup>10</sup> Ayres de Sá, *Frei Gonçalo Velho*, Lisboa, 1899-1900 (2 vols.), António Ferreira Serpa, *O Descobrimento do Arquipélago dos Açores*, Porto, 1925, V. Nemésio, *O Açoriano...* e António Correia, *Poucos Conhecem os Açores*, Lisboa, 1942.

<sup>11</sup> M. Luís de Pina, «Subsídios para o estudo antropológico do português açoriano», in *XV Congrès international d'anthropologie & d'archéologie préhistorique*, Librairie E. Nourry, Paris, 1931.

sob a dominação dos Filipes de Espanha. Desembarcavam então na ilha centenas de piratas, quase tantos quantos os marienses que na altura a habitavam. Toda a gente fugia espavorida, trepando rochedos escarpados e escondendo-se no interior dos matos ou na gruta de Santa Ana <sup>12</sup>. Os cativos eram amarrados uns aos outros e as mulheres mais formosas «desonradas» <sup>13</sup> e levadas para a prostituição. Constantinopla, Argel e outras cidades do litoral mediterrâneo de África eram o destino dos cativos, vendidos como escravos sempre que não se resgatavam à custa de bens próprios ou alheios (rendimentos cedidos pelo Estado, pela Igreja, pelos municípios e particulares). Era um uso que vinha dos tempos dos cruzados: cristãos cativos que não se resgatassem a preço de ouro eram propriedade dos muçulmanos, tomados seus escravos.

Algumas marienses foram feitas escravas, enquanto outras conseguiram ser resgatadas. De entre estas havia as que regressavam com filhos «apanhadiços» <sup>14</sup>. A simbologia desta expressão é sociologicamente interessante. Ela expressa que os raptos sexuais, ou, mais precisamente, os filhos resultantes desses raptos, eram, como qualquer doença ou praga que se apanha, o produto do infortúnio, da desgraça, do acaso, da desventura. No entanto, com o evoluir dos tempos, como veremos, os «apanhadiços» (resultantes de relações extraconjugais) foram sendo encarados de forma menos dramatizada.

A posterior ocupação da ilha por norte-americanos e aliados durante a Segunda Grande Guerra Mundial originou um surto importante de «apanhadiços». Foi então que se registaram as mais significativas mudanças sócio-económicas na até então pacata ilha de Santa Maria <sup>15</sup>: «Que balbúrdia, que confusão, diziam os velhos, atordoados com tanto movimento, com caras novas de todo o arquipélago, do continente, além dos cinco mil 'ianques' a 'mascarem gama', a tomarem 'bebedeiras descomunais' e a atirarem chocolates e moedas à criança quando saía da escola. Os preços subiram 'assustadoramente'. Uma galinha custava quatro a cinco escudos, no dia seguinte, cinquenta, sessenta <sup>16</sup>.»

A vinda dos americanos provocou uma profunda mudança nos hábitos quotidianos dos marienses. Os «baixos» de muitas casas em Vila do Porto passaram a cafés, tabernas, tascas e ourivesarias. O dinheiro rolava de tal maneira que apodaram Santa Maria de «América pequenina». Dizia-se então «melhor é uma casa na vila do que duas longe dela».

Os «ianques» e «aliados» complicaram o tráfego amoroso da ilha. Começaram a notabilizar-se pelas suas conquistas, a que não escapavam as próprias casadas. Como «toda a gente tinha a mania de falar inglês», muitas mulheres honestas,

<sup>12</sup> Armindo Monteiro, *Pedras de Santa Maria*, Ponta Delgada, 1969, pp. 43-45.

<sup>13</sup> Jaime de Figueiredo, *Ilha de Gonçalo Velho. Da Descoberta até ao Aeroporto*, Lisboa, 1954, p. 113.

<sup>14</sup> Jacinto Monteiro, *Memórias da Minha Ilha*, Santa Maria, 1982, pp. 69-70.

<sup>15</sup> Jaime de Figueiredo, *Uma Alfândega em Santa Maria*, Lisboa, 1954.

<sup>16</sup> J. Monteiro, *Memórias da Minha Ilha...*, p. 18.

«sem perceberem as propostas mal-intencionadas dos americanos, diziam *ies e*, depois, quando eles entravam portas adentro (visto, por costume, estarem sempre abertas), [começavam] aos gritos de ‘aqui d’el-rei, quem me acode’»<sup>17</sup>.

De vez em quando, entre as mulheres, surgiam disputas e brigas devido aos «maus portes». Conta-se que em Valverde, onde as lavadeiras «punham a quarar» as roupas dos forasteiros da vila, era frequente «falar-se na vida alheia». Só se ouvia «púcara», «cordilheira», «canhão». Não «metia justiça» porque um sensato mariense as aquietava, convencendo-as de que, afinal, não havia nenhuma sem «pitafe» e, assim, a fama da calúnia era distribuída por todo o lugarejo: «Todas vocês são umas púcaras, porque pura, pura, pura, só a Senhora Mãe de Deus que s’adora naquela ermida»<sup>18</sup>.

Voltando aos «apanhadiços» da Grande Guerra, eventualmente resultantes da «mania de falar inglês», mesmo entre as mulheres casadas, a gravidez aparecia como um sintoma da «praga» da qual alguns *cabelos cor de ouro* poderão ter sido uma resultante. As casadas com «apanhadiços» — se estes se provavam — poderiam cair em desgraça. Entre as solteiras, contudo, algumas desejavam conscientemente ter «apanhadiços» porque era uma maneira de se ligarem aos forasteiros, isto é, de os *apanharem*, alimentando a ilusão de um desejado abandono da ilha, como adiante se verá. Os *apanhadiços* seriam então *apanhados*, mas, ao mesmo tempo, resultado do acto, voluntarioso, de as marienses *apanharem* os forasteiros. Talvez por esta razão corra entre os continentais a fama de que as açorianas são «quentes», «sensuais», «atiradiças».

Se alguns *cabelos cor de ouro* são uma prova real da vocação «atiradiça» das marienses em presença de forasteiros, não o sabemos e nunca, provavelmente, o saberemos. Como quer que seja, os *cabelos cor de ouro* acabam, à primeira vista, por indiciar uma ética sexual que não chegam a comprovar, mas que pode ser comprovável por outras vias. Em que se fundamenta essa ética sexual? Como interpretar a fragilidade das marienses quando em contacto com os forasteiros da ilha? Ou, de outro modo, como explicar — se a fama corresponde à realidade — que elas sejam tão «atiradiças»?

## 2.2. O DOCE OLHAR DAS MARIENSES

De modo algum pretendo sustentar, como alguns o têm feito, que «as mulheres açorianas herdaram a sedução dada pelos deuses às sereias»<sup>19</sup>. Limito-me a observar, muito impressionisticamente<sup>20</sup>, que é doce o olhar das marienses, nomeadamente quando dirigido aos forasteiros.

---

<sup>17</sup> Id., *ibid.*

<sup>18</sup> Id., *ibid.*

<sup>19</sup> A. Correia, *Poucos Conhecem os Açores...*, p. 1.

<sup>20</sup> Sobre o «impressionismo sociológico», v. David Frisby, *Sociological Impressionism*, Routledge, Londres, 1992 (1.<sup>a</sup> ed., 1981).

Não me exijam muitas explicações sobre este assunto. Limitar-me-ei a dizer que, como Arquimedes, o meu «grito de *eureka*» foi dado quando, relaxadamente, tomava um dia banho nas tranquilas e límpidas águas da *praia Formosa*. O princípio dessa descoberta ou dessa heurística (do grego *heuriskein*) poderia enunciá-lo de um modo formalmente semelhante ao princípio de Arquimedes: sempre que mergulhava nas tépidas águas da praia sofria (ou desfrutava) da atracção (companhia) de duas belas marienses, que persistiam em enfrentar as ondas nas proximidades dos territórios da minha intimidade e que reincidiam sempre que voltava aos meus banhos de água, em acercamentos de audácia que variavam em razão proporcional ao enfurecimento de Terê, minha companheira conjugal.

Aliás, nunca, como em Santa Maria, achei tão complicada a utilização da chamada técnica de *observação participante*. Não raras vezes experimentei conflitos entre os meus papéis de esposo, de investigador e de continental. Terê, com quem vivo há uma dúzia de anos e mãe dos meus filhos, sempre rejeitou a ideia (ela lá sabe porquê) de que eu me deslocasse sozinho a Santa Maria, ou seja, sempre insistiu em me acompanhar, alegando a sua paixão pelas belezas naturais da ilha. Mas o seu interesse pelas minhas investigações não se ficava atrás. Nunca, como em Santa Maria, me deu tão continuado e persistente apoio no trabalho de campo. E torceu o nariz à minha pretensão de exercer funções de *barman* na *discoteca Paquete* <sup>21</sup> quando já tinha tudo acordado com o responsável da discoteca, um controlador aéreo, por sinal. Questionou o alcance científico desse meu desejo e fez-me ver que era ridículo um professor universitário e doutorado andar a servir às mesas.

Enfim, ao ser alvo do doce olhar de algumas marienses — facto de que a minha companheira mais facilmente se deu conta do que eu próprio —, reconhecia, pouco a pouco, que, por muitos preconceitos «objectivistas» que um sociólogo possa ter, surgem sempre ocasiões em que os objectos de estudo não podem ser considerados «entidades isoladas». Por vezes, há objectos de estudo que «mexem» com o investigador e não há «rupturas epistemológicas» que resistam a um tal envolvimento.

Ingénuo ou parvo seria se pensasse que essa relação empática com as marienses era fruto dos meus predicados de sedutor, que os não tenho. O que me parece indiscutível, isso sim, é a enorme capacidade sedutora das marienses, designadamente em relação aos forasteiros da ilha. Particularmente evidente e conhecida é, em Santa Maria, a investida das jovens marienses sobre os novos contingentes de jovens controladores e assistentes de controle que periodicamente chegam à ilha. Com efeito, em Santa Maria faz-se actualmente o controle de todo o tráfego aéreo da zona oceânica do Norte do Atlântico, facto que, por sua vez, justifica a presença na ilha de um número significativo de jovens continentais, esmagadoramente do sexo masculino, que, regra geral, após menos de meia dúzia

---

<sup>21</sup> A *discoteca Paquete* é uma antiga pousada construída por iniciativa de Alexandre Negrão, que foi director do Aeroporto de Santa Maria. Fica na zona frontal à praia Formosa, não muito distante das ruínas de um antigo forte levantado, como muitos outros, para defesa dos ataques dos piratas.

de anos de serviço em Santa Maria, se fixam nas secções de controle aéreo do continente (Lisboa, Porto e Faro), sendo substituídos por novos contingentes de jovens controladores e assistentes de controle do continente. Muitos destes jovens acabam por se relacionar afectiva ou sexualmente com raparigas marienses e alguns deles regressam ao continente com elas casados. Antes da chegada de novos contingentes de jovens continentais já as jovens marienses têm dados pormenorizados sobre as características dos rapazes que integram os novos contingentes: dos nomes, cor dos olhos, altura, meios pessoais, se trazem ou não carro, etc.

Como o conseguem? Através do cruzamento das redes de conhecimento que envolvem, por um lado, o pessoal do controle e, por outro, as marienses. Regra geral, alguns controladores e assistentes de controle que vêm para Santa Maria são sugestionados por amigos ou conhecidos que já se encontram na ilha e os incentivam a concorrer para o controle do tráfego aéreo. Os incentivos são vários: uma carga de trabalho semanal reduzida, horário flexível, elevados vencimentos e as belezas naturais da ilha (Santa Maria é considerada o «Algarve do Açores»). Por outro lado, as jovens marienses estão em contacto com conterrâneas que namoram ou já se casaram com continentais do controle aéreo e pedem-lhes informações sobre os novos que vêm. Quando estes chegam à ilha, não faltam marienses a oferecerem-se para mostrarem aos novatos os encantos da ilha. Um destes, controlador, confessou que «pouco faltou para ser violado». As mais belas marienses não têm, aliás, dificuldades em conquistar os jovens continentais. Por um lado, porque na realidade são belas e sedutoras <sup>22</sup> e, por outro lado, porque a maior parte dos jovens continentais se encontram descomprometidos. Dos poucos que não o estão, alguns acabam por se descomprometer, esquecendo, no continente, a namorada, a noiva ou a mulher, como frequentemente tem acontecido.

É curioso como os familiares dos controladores e assistentes de controle que regularmente passam férias em Santa Maria têm uma opinião diferente sobre as belezas naturais da ilha, consoante se trate de familiares do sexo masculino ou feminino. Para as mulheres (particularmente as casadas), o clima da ilha, mesmo durante o Verão, é muito instável, a areia da praia é preta e pedregosa, sujando o corpo e estragando os fatos de banho, a água do mar é mais quente do que a temperatura ambiente, o que torna desagradáveis as saídas do banho, o sol, raramente despontando, não bronzeia, e mariscos, *só cavacos*, e mesmo estes encontram-se interditos à pesca, sendo, por tal motivo, de acesso difícil ao consumidor. Para os familiares do sexo masculino (pais, irmãos, cunhados e até avós), o clima é ameno, com reduzidas amplitudes térmicas, a areia é branca, a água é deliciosa, com temperatura idêntica ou até superior à do meio ambiente, o cavaco é melhor do que lagosta, o sol dá um bronzeado tipo Algarve, ou não

---

<sup>22</sup> A própria contagem e cobrança da electricidade é feita por joviais e charmosas marienses, que, quando se deslocam ao bairro residencial ocupado pelo pessoal de controle aéreo, costumam fazê-lo com atractivo vestuário.

fosse Santa Maria o «Algarve dos Açores». Ou seja, os motivos que os familiares dos jovens de controle aéreo alegam para justificarem os encantos ou desencantos da ilha pertencem ao universo das características naturais e climatéricas da ilha. Os motivos reais parecem, no entanto, ser outros e, provavelmente, prendem-se com a *doçura do olhar* que as marienses dirigem aos continentais e com o *olhar desconfiado* com que as continentais, de visita à ilha, encaram a situação.

A *doçura do olhar* sentida pelos forasteiros parece ter uma justificação. De uma forma geral, para os marienses, independentemente do sexo, Santa Maria é um «presídio ilhéu»:

*Mar, sempre mar...  
Céu, sempre céu...  
O mesmo tom azul de nuvens manchadas,  
No meu presídio ilhéu...  
Mar, com a mesma cor cinzenta...  
As mesmas graças...  
A humidade salgada...  
Um sabor de lágrima chorada,  
A rolar, a rolar  
Sobre o rosto,  
De quem vive sonhando,  
Para fugir, partir, emigrar!...<sup>23</sup>*

Sair do «presídio ilhéu» é o desejo da maior parte dos marienses. Há um conhecido velho — mesmo durante o Verão anda sempre de guarda-chuva (psicose do mau tempo?) — que já há alguns anos ensaia a fuga para a América. A última tentativa foi, como outras, frustrada porque, depois de ter levantado do banco 700 contos (poupanças de uma vida), e quando já se encontrava no aeroporto pronto para abalar, alguns funcionários da SATA, por acharem estranho vê-lo partir só, contactaram a família, perguntando se sabiam (de facto, não sabiam) da sua viagem para a América.

Eu próprio senti o isolamento da ilha quando, ao dirigir-me à única caixa *Multibanco* existente em Santa Maria, li a mensagem: «Dirija-se ao multibanco mais próximo (Flores).» O isolamento manifesta-se simbolicamente em expressões da linguagem quotidiana. Por exemplo, «estar deserto» significa passar mal de saúde; uma rapariga que «não é deserta» significa que não é feia nem desengraçada. Também se diz que Santa Maria é um ilha «desnuada», ou uma «morteza», isto é, sem vida, sem dinamismo. As próprias emissões televisivas — cuja recepção se efectua através de um pequeno retransmissor localizado no Pico Alto ou directamente através do emissor Barrosa, de S. Miguel — chegam a algumas partes da ilha em condições deficientes, existindo mesmo zonas de «sombra» ou «desertas» nas quais é difícil a captação.

Algumas vezes esperam-se *novas* ou *achadas* do mar. O termo *achadas* foi adoptado pelos marienses para designar, especificamente, coisas diversas arrastadas pelo mar e achadas na costa. Também dizem *achados do mar* e *cacaréus*. *Ir às achadas* foi, desde os tempos remotos da colonização, uma prática vulgar e muito da afeição dos marienses. Com o advento da guerra incrementou-se este hábito, pois começaram a dar à costa objectos diversos de grande porte, como bidões de gásóleo, fardos de borracha, pranchas de madeira, etc. Ainda hoje se procuram *achadas* nos *caneiros*<sup>24</sup> e pequenas baías, particularmente quando o vento sopra de feição, qualquer coisa que o mar misterioso possa trazer à ilha.

A ilha só tem vida durante o Verão, dizem os marienses. No Inverno é o isolamento. Não há distração e até o cinema costuma periodicamente encerrar para obras. Um número muito significativo de raparigas que estudam, chegadas à fase terminal do ensino secundário, escolhem propositadamente as áreas inexistentes na escola secundária da vila, com o único propósito de darem o «salto» da ilha e irem para S. Miguel. «Ponta Delgada é como Lisboa.», disse-me uma jovem mariense que nunca visitou o continente. Que dificuldades não teriam os sociólogos e psicólogos das «vocações profissionais» para analisarem estas opções! As estratégias de orientação profissional encontram-se, neste caso, completamente subordinadas às estratégias matrimoniais e de evasão da ilha.

Sair do presídio foi e continua a ser o sonho de muitos marienses. Alguns conseguiram realizar esse sonho. São conhecidos por *calafões* ou *calafonas* (emigrantes da Califórnia ou de qualquer outra parte da América). Durante as férias exibem os sinais de riqueza, avivando deste modo o desejo de emigrar entre os que nunca o fizeram, criando um efeito de mimetismo. Aliás, a caminho de Santa Maria, quando o avião se aprestava para aterrar e aos passageiros era pedido que apertassem os cintos de segurança, observei como um *calafona* retirava, apressadamente, de uma caixa, que o marido nervosamente segurava nas mãos, vários cordões de ouro, que, apressadamente, enrolou ao pescoço, e grossos anéis, que, com precipitação, distribuiu pelos dedos. Só depois, enfim, instigada pela hospedeira de bordo, se preocupou em apertar o cinto de segurança. *Calafões* ou *calafonas* induzem um fenómeno importante na dinâmica de prestígio e das relações sociais da ilha. Em Vila do Porto é ostensiva a forma como se passeiam, denotando todo o seu porte conspícuo — as passadas largas e lentas, a barriga avultada, os bonés americanos, as pernas bronzeadas que o uso de curtos calções deixa a descoberto —, signos de quem «venceu na vida».

Estes mecanismos, de afirmação de *prestígio e distinção social*, convergem no desejo de fazer «bons casamentos», os quais, ao que parece, são uma «tradição de Santa Maria». No século passado as famílias fidalgas da ilha chegavam a

---

<sup>24</sup> Os *caneiros* são línguas de mar entre as rochas por onde é ainda muito frequente a pesca de caranguejos, durante a noite, com a ajuda de um lampião de petróleo. Os pescadores disseram-me que os caranguejos se encadeiam com a luz, deixando-se facilmente apanhar. Pescadores marienses têm também achado a morte nas *achadas*, levados por ondas traiçoeriras.

enlutar-se quando surgiam «casamentos desiguais». Assim aconteceu com uma irmã do morgado Figueiredo, cuja família chegou a receber condolências por o «intruso» noivo ter sido, em novo, moço de botica. Com a implantação da República «casar com um republicano até sujava o sangue». Não estranha então a mania predominante que havia de enclausurar as filhas nos conventos — na maioria dos casos «com sua manifesta oposição»<sup>25</sup> — sempre que os pais hesitavam em desfalcas com partilhas os bens que possuíam. Não obstante, algumas delas acabavam por conseguir ser raptadas, principalmente por marinheiros ingleses, que as visitavam nos parlatórios dos conventos<sup>26</sup>.

É possível que esta tradição aristocrática tenha também ajudado a propagar o desejo de realização de «bons casamentos», isto é, de casamentos por conveniência. Assim teríamos mais uma achega para ajudar a explicar o desejo das marienses em «apanharem» os continentais — regra geral, «bons partidos». Acresce que o casamento com um continental propicia a tão desejada fuga da ilha. Como expressão do acabado de referir, não estranha que as romarias de S. Pedro sejam em Santa Maria muito concorridas, dada a crença que as marienses têm em que S. Pedro as pode ajudar a fazer bom casamento.

Sabe-se também que, quando os fluxos migratórios para a América do Norte e Brasil se começaram a intensificar — a partir de meados do século XIX<sup>27</sup> —, e devido também ao excedente da população feminina sobre a população masculina, recorriam as açorianas a conhecidas *caldas, mioladas, mistelas* ou *feiticarias*, que eram usadas para atrair os mais disputados «partidos». Eram as *caldas de querer bem* que «livravam» as raparigas de ficarem solteiras<sup>28</sup>. Consta que as autoridades chegaram a proibir a entrada de mulheres de capote nos cemitérios para evitarem o desaparecimento de «pedras de ara», usadas na arte da *caldeação*. Por estranho que pareça, algumas velhas marienses asseguraram-me que mistelas deste tipo têm ainda uso corrente.

Em grande parte do arquipélago açoriano a tradição de uma certa boémia aristocrática terá também fomentado um espírito de libertinagem no domínio das relações sexuais e amorosas. O morgado era tido como alguém nascido para gozar, «comendo muito e do melhor», e dos preguiçosos se dizia, como ainda se continua a dizer, «aquele nasceu para morgado»<sup>29</sup>. A extinção dos morgadios determinou a divisão da propriedade por todos os filhos fidalgos, que, desejosos de viverem «à lei da nobreza», adquiriram hábitos de «luxo» e de «folgança» que os arruinaram, levando-os à venda de terras e à remissão dos foros que o

---

<sup>25</sup> Gabriel de Almeida, *As Ilhas dos Açores*, Lisboa, 1889, p. 256.

<sup>26</sup> Id., *ibid.*

<sup>27</sup> José Furtado Leite, *Economia Açoriana. Causas do Seu Desequilíbrio — Factores Que Podem Contribuir para o Seu Equilíbrio e Expansão*, Lisboa, 1950, p. 7.

<sup>28</sup> «Ficar solteira» ou «viver só» confere um estatuto desprestigiante em sociedades tradicionais rurais (cf. P. Laslet, «The family as a public and private institution: an historical perspective», in *Journal of Marriage and the Family*, 35, Agosto de 1973, pp. 480-492).

<sup>29</sup> Urbano de Mendonça Dias, *Instituições Vinculares. Os Morgados das Ilhas*, Vila Franca do Campo, 1941, p. 9.

advento da República favoreceu com leis especiais<sup>30</sup>. Viviam uma vida boémia, constituíam uma verdadeira classe ociosa, no sentido vebleniano da expressão<sup>31</sup>.

Hoje em dia esse espírito de libertinagem parece ainda dominar na ilha de Santa Maria, onde de há alguns anos a esta parte, se realizam animados concertos musicais *pop* nas já célebres *marés de Agosto*. As *marés* atraem jovens de outras ilhas do arquipélago, do continente e até do estrangeiro — e outros menos jovens, mas comungando traços culturais da *geração de 60*. A praia Formosa, onde grande parte dos visitantes das *marés* acampam e onde estas se realizam, é considerada a *Woodstock* dos nossos tempos<sup>32</sup>.

Mas, voltando às possíveis heranças aristocráticas da ética sexual que parece dominar a ilha de Santa Maria, o que consegui descobrir, de acordo com algumas fontes consultadas, foi que muitos modestos marienses descendem, por «linhas travessas» ou por «bastardia», dos primeiros povoadores de Santa Maria, de linhagem aristocrática. Os nobres procriadores deixaram muitos filhos, não admirando que tivessem aparecido *Câmaras* «de-pé-descalço» por toda a ilha<sup>33</sup>. É que, quando os expostos escapavam, para além de adoptarem muitas vezes o nome de família da ama que os criava, a que chamavam «mãe de leite», acrescentavam também a alcunha *Câmara*, que, deste modo, indicava que haviam sido expostos e criados pelo município<sup>34</sup>. Os fidalgos eram filhos de «algo», isto é, de alguém; os outros, de ninguém, ou seja, da *câmara*<sup>35</sup>.

A ética sexual que tem dominado a ilha pode ajudar a perceber a ocorrência dos casos — que se julgam em número avultado — de infidelidade conjugal, bastante conhecidos ou divulgados, porque a ilha é pequena e «tudo se sabe». Ainda recentemente foi «caso falado» o suicídio do dono de uma das duas discotecas da ilha por apanhar a mulher em flagrante delito, ainda por cima com um ilhéu.

Entre os maridos enganados é possível distinguir entre os *assumidos* (isto é, aqueles que sabem que o são e não se importam, uma vez que — argumentam — «antes sê-lo do que parecê-lo»), os *ingénuos* (são «cornudos», mas não sabem que o são) e os *artistas* (sabem que o são, mas fingem não o saberem).

<sup>30</sup> Manuel Dionísio, *Costumes Açorianos*, Angra do Heroísmo (2.<sup>a</sup> ed.), 1837, p. 23.

<sup>31</sup> Thorstein Veblen, *Teoria de la Classe Ociosa*, Fonte de Cultura Económica, México, 1974, (1.<sup>a</sup> ed., 1899).

<sup>32</sup> Um pequeno historial das «marés» pode encontrar-se em *O Baluarte de Santa Maria*, Agosto de 1989.

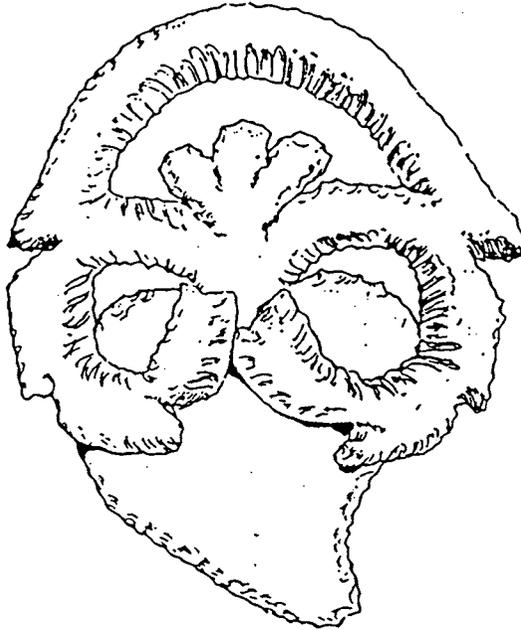
<sup>33</sup> J. Monteiro, *Memórias da Minha Ilha...*, p. 32.

<sup>34</sup> U. de Mendonça Dias, *A Vida dos Nossos Avós...*, p. 223.

<sup>35</sup> A par dos boémios aristocratas de ascendência continental, outros boémios aportaram à ilha de Santa Maria provindos do estrangeiro. Foi o caso de um tormentoso *playboy*, Alister de seu nome, filho de Alexandre Hill Gray, súbdito de «Sua Majestade Britânica» e aparentado com o *lord mayor* de Londres. O filho «entisicara» não se sabe se com o ar húmido e sombrio da Grã-Bretanha, se com as extravagâncias sexuais. Os médicos londrinos aconselharam-lhe a Madeira, mas o *playboy* fez tantas ou tão poucas no Funchal que Sir Alexandre acabou por lhe sugerir a pacata e esquecida ilha de Santa Maria (cf. J. Monteiro, *Memórias da Minha Ilha...*, p. 98).

A maior parte deles dão de beber à dor da «infidelidade» nas muitas tabernas da vila. Chegam a casa «encharcados», a «cair de bêbados». Quando tal acontece, algumas mulheres rejeitam-lhes o comer: «Vai-te arreque, tendes cornos se quiserdes comer.» Por isso também se costuma dizer: «Homem casado, burro estafado.»

Nas festas do Espírito Santo fazia-se um bolo cujas formas sugerem o entrelaçamento de um coração (símbolo do amor) e dos cornos (símbolo de traição amorosa ou conjugal). Mas também é possível ver no coração o símbolo da vulva. O simbolismo completo seria a vulva atravessada pela seta, que na figura, pode ser representada pelos adornos que ladeiam o coração. A simbologia da *penetração* pode também ser sugerida pelo nome do bolo: *rosca*. Como se sabe, o significado de «rosca» remete para um ranhura helicoidal, mas também se associa à *manha*, que é um atributo ou estereótipo socialmente atribuído à mulher. Aliás, a cada uma das voltas da serpente, quando se enrola, também se dá o nome de *rosca*.



Bolo das festas do Espírito Santo

(in J. Leite de Vasconcelos, *Mês de Sonho*, Lisboa, 1930)

As falas e expressões quotidianas recriam, com profundidade e ironia, sentidos figurados da linguagem. Em Santa Maria o pão que se come à mesa é conhecido por *brindeira*. Aos seios femininos, tanto mais apreciados quanto mais fortes e avantajados, também se dá o nome de *brindeiras*. Muitas outras expressões

usadas em Santa Maria arrastam semelhantes politeísmos semânticos. Por exemplo, a expressão *jeira* utiliza-se para significar uma boa produção de terra, uma colheita abundante («a terra deu uma *jeira* de milho», «houve uma *jeira* de batatas este ano»); também pode ser utilizada para significar um dia de trabalho com arado e bois para lavrar ou semear (assim diz-se: «dar uma *jeira*», «ganhar uma *jeira*»). Mas, para além destes significados associados à palavra *jeira*, a semântica da «fertilidade» ou do «ganho» faz com que essa palavra também se aplique ao comportamento das mulheres que usam relacionar-se sexualmente fora da vida conjugal. Neste caso «dão uma *jeirinha* por fora».

Possivelmente devido à frequência das *jeiras*, a *moda do ladrão*, cantada nas folias do Espírito Santo, e que parece ser originária de Santa Maria, exprime as «explosões de ciúme» que «ardem no coração como um vesúvio de raiva e desconfiança»<sup>36</sup>. O mesmo se passaria com a *procissão dos cornos*, que actualmente já não se realiza. A *procissão* integrava um andor (boneco de palha ao traje da terra), tendo por cara uma máscara carnavalesca e na cabeça dois grandes chifres. Integrando a *procissão*, alguns irmãos transportavam uma coroa simbólica feita de um aro circular de folha de espadana, com a qual iam coroando os homens que se cruzavam com a *procissão*. Alguém exclamava, então: «Irmão, vai coroar, que é dos nossos.» Os *coroados* esquivavam-se, mas acabavam por ser agarrados, incensados e obrigados a beijar o corno simbólico entre as vaias do povo. Os ritos de *inversão social* acentuam os ritos de *confirmação social*, isto é, são ritos de reconhecimento simbólico de práticas que, na realidade, apenas são insinuadas<sup>37</sup>. O desaparecimento da *procissão dos cornos* pode, contudo, ter um outro significado. Quando o fenómeno da «liberdade sexual» fosse raro ou passasse despercebido, faria sentido haver humilhação. Quando esse fenómeno se torna frequente, deixa de fazer sentido, porque atinge muita gente. Uma razão para o desaparecimento da *procissão dos cornos*?

Talvez que a banalização do fenómeno possa explicar a passividade dos *assumidos* e dos *artistas*, de acordo com a tipologia atrás proposta. Essa passividade é tanto mais compreensível quanto é certo que ela parece ser típica do açoriano, como o reconhecia, aliás, Vitorino Nemésio: «Dá a impressão de pouco vertebrado e disposto a sustentar os riscos de uma atitude decidida. Se, porém, procurarmos as verdadeiras razões desta falha, iremos achá-las na lei da sociabilidade açoriana. A pequena vizinhança é o seu tipo de agregação; daí o perigo da excessiva combatividade, sempre inerente às atitudes de pura opinião, sem valor prático mediato»<sup>38</sup>. As razões aduzidas por Nemésio para explicar a passividade dos

<sup>36</sup> Gervásio Lima, *Festas do Espírito Santo, Cantôres e Cantares*, Angra do Heroísmo, 1932, p. 61.

<sup>37</sup> Nas práticas de *inversão social*, cerimónias obrigatórias e periódicas libertam tensões sociais sob controle ritual: as mulheres levantam-se colectivamente contra os homens; a plebe opõe-se aos aristocratas, etc. Durante um curto período, os papéis são invertidos a favor dos elementos inferiores, subordinados; subversões simbólicas deste tipo, muitas delas ocorridas no campo do sagrado — como a *feita dos cornos* —, têm por finalidade restaurar periodicamente determinados ordenamentos sociais, revigorando-os (cf., a este propósito, M. Gluckman, *Order and Rebellion in Tribal Africa*, Londres, 1963).

<sup>38</sup> V. Nemésio, *O Açoriano e os Açores...*, p. 16.

açorianos — associadas às redes de sociabilidades vizinhas — induzem que um activismo exagerado por parte dos maridos enganados produziria um efeito perverso de propagação no que respeita às situações de infidelidade.

As jovens marienses que namoram com os controladores e assistentes de controle aéreo parecem, contudo, fiéis. O mesmo em relação às casadas <sup>39</sup>. O *doce olhar* que as marienses dirigem aos continentais não é um olhar traiçoeiro, como, por vezes, parece ser traiçoeiro o comportamento que têm com os homens da sua terra. Neste caso, o que importa realçar é a inversão de papéis sexuais considerados normais em outros contextos culturais. É neste sentido que se pode levantar a hipótese de em Santa Maria essa inversão de papéis — quem conquista quem? — poder ser também uma consequência de estratégias de competição inter-raparigas perfeitamente latentes em várias quadras populares marienses:

*As meninas de Almagreira  
São bonitas, balam bem,  
Por cima tudo são fitas,  
Por baixo nem fraldas têm.*

*S. Pedro não vale nada,  
A vila vale um vintém,  
Valverde vale um cruzado  
Pelas mocinhas que tem* <sup>40</sup>.

### 2.3. O ROSA MOTA DAS ACELERAÇÕES

*Apanhadiço* de mãe solteira (a qual viria depois a casar-se), o Zé Carlos é um deficiente mental, de porte atlético, que percorre a ilha de telefonia debaixo do braço ou encostada ao ouvido, em longas correrias, mostrando uma resistência física muito considerável. É conhecido pela alcunha de *Rosa Mota*. O Zé Carlos tem nisso orgulho. Já participou em várias provas para deficientes no continente, tendo sido medalhado (obteve um 1.º e um 2.º lugares).

O *Rosa Mota* — que adora o continente — gosta de acompanhar com raparigas, mas, asseguram estas, não é «mal-intencionado». Não tem «maldade», é ingénuo, e a voz é até amenizada. Gosta de acompanhar as raparigas porque, como pensa que é carro, é uma espécie de «serviço de táxi» que lhes faz. Acompanha-as a casa quando vêm de compras, do trabalho ou da escola. Elas acham-no carinhoso.

---

<sup>39</sup> As marienses investem muito mais seriamente na relação com os continentais porque aí jogam o seu futuro. Essa «seriedade» deve ser entendida em dois sentidos: não tomam essas relações como superficiais ou passageiras e, por outro lado, portam-se seriamente, honestamente.

<sup>40</sup> Armando Cortes Rodrigues, «Santa Maria e o cancionero popular açoriano», in *Apointamento Histórico e Etnográfico das Ilhas de S. Miguel e de Santa Maria*, vol. iv, Direcção Escolar de Ponta Delgada, 1986, pp. 503-508.

Em contrapartida, os rapazes e homens que frequentam as tabernas gozam com ele, fazem troça, pregam-lhe partidas e incitam-no a que se vista de mulher.

O *Rosa Mota* vai a casa, encafua vestidos da mãe, maquilha-se, coloca brincos nas orelhas e... é o «fim da macacada», opinam os homens; as raparigas, por seu lado, afirmam, com alguma mágoa, que «fazem muito pouco dele».

É provável que um fenómeno de recalçamento psicológico entre a população masculina da ilha esteja na origem da transformação do *Rosa Mota* em *bode expiatório* das suas frustrações. Relevante é ainda o facto de *Rosa Mota* ser um símbolo atípico da condição masculina mariense: por ter uma relação privilegiada com as marienses e por se sentir atraído por tudo o que cheira a continente.

Os rapazes marienses sentem-se, de facto, vítimas da concorrência dos continentais. As mais belas marienses vão, inevitavelmente, parar aos braços do pessoal do controle aéreo. O «refugio» é disputadíssimo por uma procura que excede largamente a oferta. De acordo com o recenseamento de população de 1981, 662 solteiras são disputadas por 840 solteiros, desproporção que seria mais acentuada se não se verificasse a emigração de muitos rapazes marienses para a América, onde é mais fácil encontrar fortuna e mulheres. Esta desproporção é ainda mais acentuada no escalão dos 20 aos 24 anos, no qual se contam 99 raparigas contra 216 rapazes. O êxodo das mais belas marienses, por culpa dos continentais, é penosamente vivido pelos rapazes marienses:

*Já na Praia não há moças  
Que as levou a enchente  
Apenas se escapou uma  
Que não tem cara de gente* <sup>41</sup>.

O infortúnio dos rapazes marienses, bem assim como as estratégias de competição inter-raparigas, são expressão do complexo tráfego amoroso que domina a ilha de Santa Maria. De facto, os casamentos registados na Matriz de Nossa Senhora da Assunção, da paróquia de Vila do Porto, de Janeiro de 1977 a Dezembro de 1991 (quadro n.º 1) mostram uma apreciável *exogamia* nas relações matrimoniais <sup>42</sup>. Os dados recolhidos não expressam, contudo, a verdadeira dimensão do fenómeno, já que é admissível que uma significativa percentagem de casamentos de raparigas marienses tenha lugar fora de Santa Maria, hipótese decorrente da própria *exogamia* <sup>43</sup>. Como quer que seja, não mais de 244 das 387 raparigas registadas se casaram com rapazes marienses no período em consideração; a diferença, na ordem dos 37%, respeita a raparigas marienses que

---

<sup>41</sup> Id., *ibid.*

<sup>42</sup> O tratamento informático dos dados foi feito com o *SPSS (statistical package for social sciences)*.

<sup>43</sup> Na verdade, os controladores e assistentes de controle continentais que pessoalmente conheço e que se encontram casados com marienses casaram-se no continente. Os registos paroquiais de Santa Maria não dão conta deste fenómeno, obviamente.

**Casamentos registados na Matriz de Nossa Senhora da Assunção,  
da paróquia de Vila do Porto, de Janeiro de 1977 a Setembro de 1991,  
segundo o sexo e a naturalidade dos cônjuges**

[QUADRO N.º 1]

	Mulheres											Total
	Santa Maria	São Miguel	Faial	Pico	Terceira	São Jorge	Madeira	Continente	Angola	Estados Unidos	Canadá	
Homens												
Santa Maria .....	244	28	5	-	6	1	-	2	2	2	1	291
São Miguel .....	86	14	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
Faial .....	3	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4
Pico .....	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3
Terceira .....	10	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	10
Graciosa .....	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Flores .....	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Madeira .....	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4
Continente .....	27	4	2	-	1	-	-	-	-	-	-	34
Angola .....	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4
Moçambique .....	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Guiné .....	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Goa .....	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2
Cabo Verde .....	2	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5
Estados Unidos .....	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Canadá .....	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Suíça .....	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
<i>Total</i> .....	387	50	8	-	7	1	-	2	2	2	1	-

Fonte: Registos paroquiais de Nossa Senhora da Assunção, da paróquia de Vila do Porto, Santa Maria.

se casaram em Santa Maria com forasteiros, aparecendo à cabeça da lista jovens de S. Miguel e do continente. De notar, entretanto, que 38 dos 86 jovens naturais de S. Miguel desposados por raparigas marienses eram, na altura do casamento, emigrantes dos Estados Unidos e do Canadá <sup>44</sup>. Como quer que seja, S. Miguel parece contribuir decisivamente para o restabelecimento do equilíbrio do tráfego amoroso de Santa Maria. Por outro lado, a observação etnográfica e os dados até agora reunidos permitem sustentar a hipótese de, provavelmente, entre as raparigas marienses a exogamia ser de natureza essencialmente *electiva*, enquanto entre os rapazes teremos uma exogamia de natureza essencialmente *compensatória*.

Ainda que insuficientes e, provavelmente, não traduzindo a realidade do tráfego amoroso na sua verdadeira dimensão, os dados dos registos paroquiais acabam, mesmo assim, por reforçar uma hipótese de partida: a complexidade do tráfego amoroso na ilha de Santa Maria. Aliás, o padre da Igreja Matriz de Vila do Porto, logo que soube dos meus intentos de pesquisa, apressou-se a assegurar-me que as marienses preferiam, de facto, «os de fora» (nomeadamente os continentais), enquanto os rapazes costumam dizer que «elas não são dignas deles» <sup>45</sup>. Entre umas e outros corre o apaziguador argumento de que «casam com os de fora» porque «os casamentos entre primos produzem tolos».

Como reagem os marienses (nomeadamente a parte masculina da ilha) a este tráfego amoroso, em parte devido à presença do pessoal de controle aéreo? É certo que as forças vivas da ilha reconhecem que, se o controle aéreo mudar de Santa Maria para Lisboa, como se prevê que venha a acontecer a curto prazo, a ilha «morrerá», como se diz. Contudo, os sintomas de contrariedade por parte dos rapazes e homens marienses em relação à presença dos continentais são evidentes. Melhor seria verem-se livres da praga dos controladores. E depois há entre os marienses o sentimento de que são perseguidos pelos continentais. Daí as inevitáveis vinganças. Recentemente, um agricultor mariense acusou três jovens controladores de os seus cães (rafeiros nascidos em Santa Maria e por eles acolhidos) terem morto à dentada duas vacas e vinte ovelhas que «muito lhe custaram a criar». Por isso pediu ao tribunal uma indemnização de 2400 contos.

A posição dos marienses em relação ao controle aéreo que é feito em Santa Maria é bastante ambígua. Por um lado, os marienses (população masculina) não suportam os continentais; por outro lado, não desejam que o controle aéreo saia de Santa Maria, porque, se isso acontecesse, dizem, desnudava Santa Maria, «seria o seu fim». A imprensa açoriana protesta, frequentemente, contra o facto de a ANA apenas admitir para o controle aéreo continentais, rejeitando a admissão de açorianos <sup>46</sup>. Por outro lado, os ilhéus têm consciência de que o

---

<sup>44</sup> Registos paroquiais de Nossa Senhora da Assunção, da paróquia de Vila do Porto, Santa Maria, para o período compreendido entre Janeiro de 1977 e Dezembro de 1991.

<sup>45</sup> Aqui expresso os meus agradecimentos ao P.º Xavier Bettencourt por, com tanta amabilidade, me ter facultado a consulta dos registos paroquiais.

<sup>46</sup> Cf., por exemplo, *União* de 31 de Agosto de 1989 (diário da Terceira).

elevado poder de compra dos controladores e também dos *calafões* ou *calafonas* (em certa medida também são olhados como forasteiros) encarece o custo de vida na ilha. Os «verdadeiros marienses» são quase obrigados a viver em economia de auto-subsistência. Como, com ênfase referem, sempre aconteceu: da monarquia ao Estado Novo, passando pela República, quando as culturas da chicória, do milho e do tabaco eram desprotegidas, porque a exportação para o continente estava proibida, dado o proteccionismo à produção colonial.

E até no jogo os continentais têm uma sorte incrível, dizem os marienses. Há tempos a ilha viveu momentos de alvoroço porque um boletim de totoloto registado num café da vila teve o maior prémio de sempre (contando com os do totobola, da lotaria e do famoso jogo do raspa). Mas, mistério dos mistérios, o feliz contemplado não aparecia. Começou então uma caça ao boletim, presumivelmente desaparecido, com muitos marienses a revoltarem caixotes de lixo na esperança de encontrarem o premiado boletim: algum *calafona* o teria imprevidentemente jogado fora ou — pensaram alguns apostadores mais optimistas — poderia ter ocorrido uma deficiente verificação dos números sorteados. Afinal, o contemplado foi (como não poderia deixar de ser...) um jovem controlador que não aparecia porque se encontrava de férias no continente. Quando regressou a Santa Maria, passou a ser um dos continentais mais «olhados de lado», mas ao mesmo tempo um dos mais fitados por doces olhares marienses. Viria, de resto, a casar com uma bela mariense dois anos passados sobre este evento.

No fundo, os marienses sempre se têm sentido vítimas da intrusão dos forasteiros, desde os remotos tempos da colonização (século xv), quando os piratas vinham ao enlaço das armadas que traziam riquezas das Índias e que, por feição dos ventos, aportavam a Santa Maria <sup>47</sup>. O poderio bélico dos invasores era tal que, por falta de meios, como aconteceu na invasão de 1576, se defendiam à pedrada <sup>48</sup>. De vez em quando faziam-se «alardos» para defesa de famílias e haveres. Para que o trigo não caísse nas mãos dos piratas, abriam-se «covas» e «covões» em terra de saibro, onde se escondia o cereal <sup>49</sup>. A própria capital da ilha, Vila do Porto, desenvolveu-se, por motivos de defesa, numa lomba ladeada por duas ribeiras de vales encaixados. As fortalezas, situadas nos mais estratégicos lugares da ilha (São Brás, Marvão, Praia, Anjos, Castelo e S. Lourenço), são, por outro lado, a «materialização na paisagem das renhidas lutas travadas com os corsários» <sup>50</sup>. *Anda mouro à costa* é, ainda hoje, uma expressão de desagrado perante qualquer facto insólito, inesperado ou duvidoso.

---

<sup>47</sup> Urbano de Mendonça Dias, *História dos Açores*, Vila Franca do Campo, 1942, p. 30.

<sup>48</sup> Id., *A Vida dos Nossos Avós...* (2.º vol.), p. 148.

<sup>49</sup> J. de Figueiredo, *Ilha de Gonçalo Velho...*, pp. 114-115.

<sup>50</sup> João de Medeiros Constância, *A Ilha de Santa Maria. Evolução dos Principais Aspectos da Sua Paisagem Humanizada (Séculos XV a XIX)*, Universidade dos Açores, Ponta Delgada, 1982, pp. 227-228 e 239.

Contudo, nas *folias do Espírito Santo* surgem duas memórias completamente distintas das invasões dos mouros. Os homens cantam:

*Aí vêm moiros  
Aí vêm moiros  
Pricotão! Pricotão  
São homens de grande fama  
Eles vêm e eles vão  
Pilhar o mundo cristão  
Lá da terra da Moirama.*

enquanto as mulheres:

*Ó encontrei mouros...  
Ó encontrei mouros...  
E disse: Amor!  
E, ó cavaleiro!  
Donde são e para onde vão?  
Que dizeis, Amor?  
— De Roma para Belém!*

Nas festas do Espírito Santo este imaginário encontra-se presente nas *cavalhadas*, burlescas cavalgadas, caricatura dos heróicos torneios de nobres cavaleiros, onde não faltam galhardos «magriços» defendendo formosas damas. No entanto, e significativamente, nas festas do Espírito Santo as mulheres têm o dever de convidar os forasteiros, mesmo os desconhecidos <sup>51</sup>.

Na memória colectiva da população masculina da ilha predomina o drama da estigmatização e, talvez por isso, os marienses revelem, como é típico do açoriano, «desde a fala ao tom bosselado das feições, uma preocupação de insulanismo estreme» <sup>52</sup>. No caso de Santa Maria, o drama da estigmatização já vem de longe, desde os inícios da colonização, quando a ilha era conhecida como a «ilha da lepra». De facto, no século XVI há conhecimento de pelo menos uma gafaria em Vila do Porto. Os «leprosos ambulantes» eram considerados uma «nódoa na progressiva civilização do arquipélago açoriano» <sup>53</sup>. Santa Maria era um foco infeccioso de morféticos e as autoridades chegaram a proibir a «união» de indivíduos afectados por tal doença <sup>54</sup>. Já então se colocava o problema do tráfego amoroso. Contudo, os incautos e desprevenidos visitantes da ilha eram

---

<sup>51</sup> M. Dionísio, *Costumes Açorianos...*, p. 65.

<sup>52</sup> V. Nemésio, *O Açoriano e os Açores...*

<sup>53</sup> G. d'Almeida, *As Ilhas dos Açores...*, p. 46

<sup>54</sup> Manuel Monteiro Arruda, «Necessidade de um dispensário para tratamento da lepra na ilha de Santa Maria», in *Livro do Primeiro Congresso Açoriano (1938)*, edição da Casa dos Açores, Lisboa, 1940; v. também Miguel Bombarda, *Açores Médico*, Lisboa, 1899.

por vezes vítimas de contágio<sup>55</sup>. Também no período da Grande Guerra de 1914-1918 se acolheram em Santa Maria centenas de náufragos sobreviventes de ataques de submarinos germânicos<sup>56</sup> — que acabaram por complicar o tráfego amoroso da ilha, aproveitando-se da boa hospitalidade do povo mariense.

Por tudo o acabado de dizer, como é que ilhéus podiam olhar com bons olhos os continentais, a quem as marienses dirigem o seu doce *olhar*? Em contrapartida, o *Rosa Mota* não só gosta dos continentais, como até os imita. É um *mormo*, como o chamam em típica gíria mariense, isto é, um «excomungado». As melhores marcas de carro, as mais potentes «bombas» que circulam na ilha pertencem aos continentais, aos controladores aéreos. São carros equipados com vistosos acessórios: jantes especiais, auto-rádios, etc. Pois o *Rosa Mota*, ainda por cima, os imita ao pensar que é/ou conduz uma máquina de idêntica potência. É só reparar nas acelerações que faz. E, como se tal não bastasse, pensa que o seu carro está tão bem equipado quanto os dos continentais. Como estes, o *Rosa Mota* tem uma aparelhagem «estereofónica», de que sempre se faz transportar, e uma fitinha cor-de-rosa para «dar nas vistas». Quando lhe perguntei se não se importava de que lhe tirasse uma fotografia, respondeu-me afirmativamente, com um sorriso de orelha a orelha, mas mandou-me esperar até pôr o rádio no som máximo para que a fotografia saísse «como deve ser».

Perante as desigualdades que os distinguem dos continentais, mesmo no campo rodoviário, os marienses tentam dificultar ao máximo a circulação dos continentais, quer se façam transportar nos seus velhos carros de segunda mão, quer em estafados burros. Dificultam as ultrapassagens; estacionam em cima das curvas; conversam no meio da estrada, fazendo orelha mouca às buzínadas dos apressados continentais; passeiam-se como pachorrentas vacas por todas as vias rodoviárias da ilha. O *Rosa Mota*, ao contrário, circula à «continental», é amigo das velocidades e — «como é maluco» — ainda há pouco tempo teve um acidente por causa da «doideira» dos carros e das velocidades. Colidiu com uma carrinha e foi parar ao hospital. Como o *Rosa Mota*, os continentais também têm as suas maluquices — andam «à doida» — e lembram-me também o caso daqueles que, em S. Lourenço, «andam lá pelas alturas», em voos destemidos, e fazem aterragens na praia rochosa de deixar alguns ilhéus de boca aberta e de cabeça a abanar (as «maluquices» são feitas por controladores fãs das «asas *Delta*»).

Até algumas *estramalhadas* — jovens que se «perderam» em S. Miguel quando para lá foram frequentar a escola secundária em áreas de formação inexistentes nas escolas de Santa Maria (e não propriamente em áreas de vocação) — parecem preferir os continentais aos marienses. Pelo menos, é o que acontece com as mais novas que, pela noite, frequentam as discotecas *Paquete* e *Paradise* ou o *pub Pipas Bar*. Os marienses sentem, deste modo, o estigma da marginalização provocado pelos continentais. São os *cagarros* da ilha, nome dado a pássaros «muito estúpidos» que abundam em Santa Maria.

---

<sup>55</sup> Os barcos que ligavam a S. Miguel faziam escala em Santa Maria, onde os viajantes baixavam e desfrutavam da ilha.

<sup>56</sup> J. de Figueiredo, *Ilha de Gonçalo Velho...*, p. 116.

*Cagarros* por força do destino ou das desventuras da vida, a reputação dos marienses nunca foi muito famosa, mesmo perante açorianos de outras ilhas. As «sortes» eram um «quebra-cabeças» para os rapazes quando se aproximavam as incorporações militares. Antes das inspecções raspavam-se para a América ou andavam a monte, alguns sem que, durante anos, alguém lhes pusesse a vista em cima<sup>57</sup>. Tinham medo de ir para S. Miguel. «Chagam-nos» na tropa:

— Olha o cagarro; olha o aselha!

— «Rema qu'ê queijo<sup>58</sup>!»

Voltando ao *Rosa Mota*, vislumbra-se então uma possível razão pela qual ele é alvo de escárnio por parte da população masculina da ilha. Ao contrário da maior parte dos marienses que invejam os continentais por lhes roubarem as conterrâneas, o *Rosa Mota* não se sente atingido, porque namoro é coisa que não lhe passa pela cabeça. Depois, tem um acolhimento privilegiado entre as raparigas, as quais o acham «dócil» e «simpático». A simpatia e a solicitude do *Rosa Mota* levam-no, como vimos, a ser bem aceite pelas marienses. Os «serviços de táxi» que lhes faz são uma espécie de ritual de «admissão» na comunidade feminina.

Os mais frustrados marienses parecem querer vingar-se no *Rosa Mota*, identificando-o com a parte inimiga (os continentais e as renegadas ou *estramalhadas* marienses). Não sei se esse mesmo sentimento de frustração e as causas que o originam não favorecerão também um significativo número de homossexuais existentes na ilha, segundo me informaram. O que também me disseram — e no hospital da vila tive oportunidade de o confirmar — foi que um velho e afável mariense que fazia «simpáticas quadras» às raparigas foi severamente espancado por um grupo de homossexuais, a tal ponto que lhe partiram uma perna. Pelo facto de, como o *Rosa Mota*, ter uma aceitação privilegiada entre as marienses?

Como quer que seja, ao propor que se vista de mulher, a parte masculina da ilha parece ser levada a colocar o *Rosa Mota* no seu devido lugar, que é o de «doido da ilha». A boa aceitação do *Rosa Mota* entre as mulheres não é desta forma socialmente vista como predicado dos seus dotes masculinos, mas da sua tara mental e até das suas características efemeninadas.

Por outro lado, alguns marienses poderão querer *transferir* para o *Rosa Mota* um papel que não querem assumir socialmente (o de homens sem mulher ou até eventualmente, no caso de alguns, o de homossexuais). Neste processo de «transferência» haverá, provavelmente, um jogo complexo de projecções: a parte masculina da ilha sente que o *Rosa Mota* se projecta nos continentais; ao mesmo

<sup>57</sup> J. Monteiro, *Memórias da Minha Ilha...*, p. 42.

<sup>58</sup> Alusão que os micalenses atribuíam ao mariense que, extasiado, se atirou ao mar quando viu pela primeira vez a Lua a despontar no horizonte, julgando ver um enorme queijo.

tempo projecta no *Rosa Mota* o estatuto de relativa marginalidade de que é alvo no mercado das trocas conjugais, reproduzindo-o como eterno desviante, desta feita como *travesti* <sup>59</sup>. A ilha produz e repoduz o seu louco.

Significativo pode também ser o facto de ao *Rosa Mota* apenas ter sido oferecido um trabalho: o de guardador de vacas. É que as raparigas que se *aferropeiam* aos continentais são olhadas como *estramalhadas*. Como elas gostam muito do *Rosa Mota* e até o acompanham, a parte masculina da ilha não encontrou melhor ocupação para o *Rosa Mota* que não fosse a de guardador de vacas.

### 3. O OVO DE COLOMBO E O VINHO DE CHEIRO

A ilha de Santa Maria, que, pela sua configuração geográfica, outrora foi chamada ilha do «ovo» — nela também atracou Colombo, de regresso da América —, parece revelar-se, em certo sentido, como um *ovo de Colombo* relativamente a algumas interrogações de natureza teórica e problemática que têm suscitado um vivo interesse em ramos científicos do saber como a sociologia, a psicologia social ou a antropologia, nomeadamente em dimensões de investigação que contemplam abordagens sistemáticas de incidência monográfica, difusionismos culturais, controles societais, estratégias matrimoniais, identidades sociais, etc.

Recorrendo às *teorias psicossociológicas da atribuição* <sup>60</sup>, poderíamos dizer que os marienses acostumaram-se a identificar como causas de muitos dos seus problemas os continentais ou os não nativos da ilha. Trata-se de uma causalidade elementar e exaustiva, assente numa causa primeira, mas muito frequente em sociedades «primitivas», também acostumadas a identificar o «hostil» com o «estrangeiro», o que originou que os primeiros exploradores europeus das ditas «culturas primitivas» fossem muitas vezes tidos como responsáveis pelas inclemências do tempo, pelo insucesso das caçadas, etc.

Presentemente, o tráfego amoroso da ilha encontra-se, como vimos, afectado pela presença de um posto de controle aéreo que cobre toda a zona oceânica atlântica, facto que, por sua vez, justifica a presença em Santa Maria de uma significativa população móvel de jovens continentais, esmagadoramente do sexo masculino. As mais belas marienses têm, inevitavelmente, caído nos braços do pessoal do controle aéreo. Algumas casam-se e concretizam o sonho de virem para o continente. O «refugo», como vimos, é disputado por uma procura que excede largamente a oferta. Este panorama parece manifestar-se noutras ilhas onde os continentais têm uma forte presença, como acontece na Terceira. Talvez

---

<sup>59</sup> No entrudo abundam, aliás, outros «*travestis* alvacentos» que percorrem as principais ruas da vila (J. de Figueiredo, *A Ilha de Gonçalo Velho...*, p. 135).

<sup>60</sup> Cf., por exemplo, J.-C. Deschamps e A. Clémence, *L'Explication quotidienne. Perspectives psychosociologiques*, Éditions Deval, Cousset, Fribourg (Suíça), 1990.

por este facto as taxas de condenação sentenciadas por tribunais açorianos em relação a crimes de *estupro*<sup>61</sup> e violação sejam, nos Açores, as mais elevadas do país, ultrapassando em mais do dobro a média nacional<sup>62</sup>.

Os *cabelos cor de ouro*, o *doce olhar das marienses* e o *Rosa Mota das acelerações* revelaram-se três achados sociológicos indiciadores do clima da estrutura de relações sociais que, por um lado, norteiam, mas que, por outro lado, também são reflexo do tráfego amoroso da ilha. Como vimos, os marienses sentem a ilha como um presídio, sendo seu desejo abandoná-la: para a América, para o continente ou até para S. Miguel. Os jovens controladores aéreos são um elemento perturbador do tráfego amoroso entre os naturais da ilha, dada a possibilidade que as marienses sentem, e de facto têm, de, amarrando-se aos continentais, poderem voar, de vez, para o continente, deixando o «presídio ilhéu».

A ética sexual existente na ilha — também determinada, como vimos, por factores de natureza geográfica e histórica — parece tornar sociavelmente aceitável o papel de liderança que, de certo modo, as marienses detêm nas estratégias de sedução. Apenas os desprevenidos «controladores» se sentem descontrolados ou até vítimas de assédio sexual quando chegam pela primeira vez à ilha, sentimento que vai desaparecendo com a paulatina aderência à ambiência social que regula o tráfego amoroso da ilha.

Santa Maria constitui-se, deste modo, num interessante laboratório de hipóteses de investigação decorrentes da confrontação entre uma *identidade persistente* (o corpo social dos marienses, com todas as suas tradições e anseios) e *factores exógenos* que têm interferido nessa identidade<sup>63</sup> — os *forasteiros*: piratas, náufragos, leprosos, americanos, pessoal de controle aéreo, «calafonas», etc.

Que efeitos terão resultado do impacte desses *factores exógenos* sobre aspectos persistentes da identidade cultural dos marienses, como o sentimento de isolamento, mas também de estigmatização, o envolvimento religioso, o desejo de emigração, etc.? Em que medida o par *mobilidade/fixação provisória* que rege a passagem dos forasteiros pela ilha tem originado desestruturações/reforços de identidade ou a adopção, por parte dos ilhéus, de estratégias de resistência, de adaptação ou de inovação? Se a ilha de Santa Maria é mais do que uma simples expressão geográfica — se é um lugar com as suas tradições e sensibilidades, as suas histórias próprias, a sua memória colectiva —, como reage a ilha à coloração que lhe é dada por novas gentes, novos hábitos, novos costumes? Em particular, como participam os marienses no choque entre essas diferentes vivências?

---

<sup>61</sup> Por *estupro* entende-se a sedução de jovens entre os 14 e 16 anos aliciadas com promessas falsas.

<sup>62</sup> Cf. a reportagem no *Expresso* de 29 de Março de 1991.

<sup>63</sup> Esta problemática, que aborda o confronto entre uma «identidade persistente» e «factores exógenos» que interferem nessa identidade, foi excelentemente tratada por R. Nisbet, *El Cambio Social*, Alianza Universidad, Madrid, 1979.

Seria precipitado pensar-se que a tradição é sempre refractária à mudança ou à diversificação de culturas. Como sugere Shils <sup>64</sup>, a *tradição* assemelha-se ao movimento de gotas de chuva numa janela de vidro. Um, dois fios de água, deslizando, em curso descendente, hesitantemente, em direcção a um determinado ângulo. Depois de se fundirem momentaneamente num curso comum, voltam de novo a desdobrar-se em sentidos diferentes para mais além, quiçá, voltarem a reunir-se. Em contextos de multiforme heterogeneidade social e cultural a tendência é, usando a metáfora, a da multiplicação de sentidos. Foi esta pluralidade de sentidos que encontrei em Santa Maria.

É certo que poderosos *factores exógenos* têm, periodicamente, abalado a ilha. Foi, sem dúvida, o que aconteceu, por exemplo, nos últimos anos da Segunda Guerra Mundial. Mas muitos desses *factores exógenos* aparecem e desaparecem como os abalos de terra que, de vez em quando, afectam outras ilhas do arquipélago. Vinham os piratas e logo se iam; vieram os americanos e logo se foram. E até o aeroporto, que, como se viu, provocou uma verdadeira revolução nos costumes da ilha — com repercussões muito sensíveis no tráfego amoroso —, parece ter os seus dias contados.

Com efeito, o aeroporto de Santa Maria encontra-se em franco declínio. Nem todos os factores que recorrentemente têm sido apontados para explicar esse declínio são convincentes. Alguns apontam os novos tipos de aviões, com mais capacidade para passageiros (o *Boeing 747*), ou um maior raio de acção que permite voos transatlânticos (o *DC 10*) sem necessidade de escala em Santa Maria, a recessão do tráfego aéreo a nível nacional em consequência da revolução de 25 de Abril de 1974, a crise de petróleo, que aumentou o custo do combustível e afectou a aviação comercial de todo o mundo <sup>65</sup>. Desvalorizando estes factores, alguns marienses queixam-se da política de transferência gradual do tráfego aéreo intercontinental da ilha de Santa Maria para a Terceira (Lajes) e também para S. Miguel <sup>66</sup>.

A gradual quebra de tráfego comercial constata-se comparando, por exemplo, o tráfego anual de aviões e passageiros verificado entre 1974 e 1990: no primeiro desses anos ainda houve 5038 movimentos de aviões e 2610 t de carga; dezasseis anos mais tarde apenas se registaram 1259 movimentos de aviões e 281 t de carga. O tráfego de 1990, quando comparado com o de 1989, decresceu 12,1% em passageiros e 9,4% em carga, pelo que os prejuízos de exploração continuam a avolumar-se, tendo atingido em 1990 cerca de 395 000 contos. Esses prejuízos totalizaram 2,5 milhões de contos de 1985 a 1990.

Como vemos, o tráfego aéreo de Santa Maria encontra-se sujeito a grandes oscilações de movimento, como acontece com o tráfego amoroso da ilha. Tudo

---

<sup>64</sup> Edward Shils, *Tradition*, Faber & Faber, Londres, 1979, p. 280.

<sup>65</sup> Informações recolhidas na *Exposição do Aeroporto de Santa Maria*, comemorativa do 45.º aniversário do mesmo (Agosto de 1991).

<sup>66</sup> Cf. *Jornal Oficial da Região Autónoma dos Açores*, 1.ª série, n.º 17, de 13 de Março de 1980, resolução n.º 3680.

é relativamente imprevisível no que respeita ao futuro. Como compensação à transferência das escalas comerciais internacionais de Santa Maria para as Lajes <sup>67</sup> tem-se falado na criação de uma *zona franca* na ilha. Mas já os marienses — a quem a experiência de vida os tornou cépticos — se referem, com azedume, à *zona franca* como *zona franca*.

A interferência de *factores* exógenos na morfologia social da ilha, se umas vezes tem abalado a identidade mariense, imprimindo-lhe rumos de mudança, outras vezes tem contribuído para reforçar essa identidade, ou pelo menos os seus aspectos mais persistentes, os quais, não por acaso, resultam da tradicional exposição da ilha ao exterior. Apesar dessa exposição, ou talvez por isso mesmo, conservam-se ainda algumas tradições. Elas persistem em domínios da vida social que mais resistência têm oferecido à mudança. É o que acontece no campo das actividades agrícolas, nomeadamente entre o campesinato isolado que vive na parte oriental da ilha, em regime de quase auto-subsistência, nas suas explorações familiares. Neste domínio, por exemplo, conservam-se antigos processos da lavoura; continua a fazer-se uso do velho arado romano no sementeio do milhedo; nas estradas alcatroadas rangem ainda carros de bois ronceiros, de cunhas apertadas.

Ainda até há pouco tempo, nas desfolhadas, homens e mulheres padejavam o cereal ou levantavam os estaleiros e tudo acabava ao som das cantigas, despiques e desafios ou de *balhos* regionais — *pai do ladrão, bela aurora, sapateia, pezinho, chamarrita, manjerição* —, fazendo recordar cenas de autos vicentinos, xácaras, comédias e mouriscas, lembrando os velhos tempos das piratarias <sup>68</sup>. A memória histórica da exposição da ilha às invasões dos piratas reflecte-se no uso ainda corrente de expressões da gíria mariense que correspondem, no fundo, a retóricas dominantes que os ilhéus usam para «consumo próprio» e que, nesta medida, também podem ser interpretadas como retóricas precavidas contra os de «fora».

Uma dessas expressões que na sua etimologia arrastam todo um universo de significações enraizadas na lembrança de um passado exposto à intrusão estrangeira é *bei* ou *buei*. Trata-se de uma expressão de admiração, reforçada pelo alongamento do som *bei*, em sonorização de intensidade decrescente, até à extinção da voz. Tem um sentido equivalente a «parece impossível», «quem havia de dizer», «que coisa espantosa». É versão corrente que a origem desta expressão provém do nome próprio *Bei*, chefe mouro temido em Santa Maria no tempo das incursões piratas. Era um nome repetido com temor pelos marienses quando constava a aproximação ou a presença do indesejado chefe pirata: *O Bei! O Bei! Olha o Bei! Bei, Santa Bárbara! Bei, bei, bei!...* De facto, o vocábulo *bei* provém da palavra turca *beg* ou *bek*, que significa «senhor» e que passou para o Norte de

---

<sup>67</sup> Decreto-Lei n.º 34/82, de 4 de Fevereiro.

<sup>68</sup> *Apontamento Histórico e Etnográfico das Ilhas de S. Miguel e de Santa Maria*, IV vol., Direcção Escolar de Ponta Delgada, 1986, p. 141.

África, onde se escreve *bai*, e que designa o governador de algumas províncias ou ainda um general do exército <sup>69</sup>.

As tabernas de Santa Maria são um dos espaços privilegiados de circulação da gíria mariense. Ao frequentar algumas delas, dei-me conta das consonâncias e dissonâncias entre os actos e os discursos dos marienses, entre os factos e as normas. Mas não é apenas a gíria que circula nas tabernas. São também os rumores. Rumores de que alguns marienses muitas vezes são vítimas e que se prendem com as «infidelidades conjugais».

Com efeito, as tabernas de Santa Maria são centros dinâmicos de circulação do rumor. O rumor das conversas confunde-se com o rumor das vagas que fustigam a ilha. Contudo, se o sistema de comunicação de «boca à orelha» acaba por manifestar a existência de canais misteriosos de difusão do rumor é porque esse sistema releva de um universo afectuoso que se caracteriza por relações de vizinhança, de sociabilidade, de amizade, de familiaridade. A circulação do rumor não cumpre, objectivamente, uma necessidade de informação ou diversão, mas tão-somente a necessidade de os marienses se manterem «ao corrente», da mesma forma que na faina da pesca sentem necessidade de se manterem à corrente.

Para os marienses que fazem *vida no mar*, o isolamento da faina da pesca é compensado pela sociabilidade da taberna. Mas este argumento é perfeitamente generalizável ao conjunto dos marienses. O sentimento de isolamento, que releva do próprio facto de viverem numa minúscula ilha do Atlântico, faz com que a taberna se constitua num espaço de refúgio ou de ruptura com a monotonia, uma «ilha» alternativa à vida anódina da ilha. Na taberna dissipam o tédio, afastam agruras da vida, *matam o tempo*.

Esse tédio manifesta-se na languidez com que se movem e que tanto irrita os continentais. Até para as tabernas parecem arrastar-se a passo de vaca. Mas para quê correr para um destino que, de qualquer forma, se apega a cada um como uma sombra? Um dia, estando numa taberna e já preocupado com o atraso com que ia chegar a casa, um velho mariense disse-me na sua erudita e filosófica sabedoria popular:

*Não tejas atrapalhado  
Rapaz vai devagar  
Qu'embora tejas sentado  
A morte vai-te chegar.*

Fugir do presídio da ilha não é fácil, mas os revitalizantes *copitos* têm o condão de fazer os marienses «sair de si». Se se pensar que as *condutas* dos indivíduos são mesmo condutas (isto é, caudais) de representações sociais, de normas, de padrões de comportamento padronizados, de socializações diversas, então o

---

<sup>69</sup> Todos estes dados a propósito da etimologia da expressão *bei* foram recolhidos em *Apointamento Histórico e Etnográfico...*, p. 168.

vinho é um elemento que agita o fluir desse caudal. O peso dos constrangimentos sociais alivia-se por *culpa do vinho* ao permitir a exteriorização, o «perder das estribas», o «descontrole». Tudo isto sob a olhadela oblíqua e cúmplice do taberneiro, que reserva para os velhos clientes o melhor vinho, *aquela pinga* — à qual só tive acesso quando também comecei a ser um frequentador habitual de tabernas.

É que nas minhas primeiras incursões pelas tabernas — nomeadamente as dos pescadores — fui sempre olhado como um *estrangeiro*, ou pelo menos assim o senti. Não era tanto o facto de ser forasteiro que os impressionava, mas talvez o meu porte na taberna: bebia pouco, aos golinhos, e esse não era, certamente, o comportamento expectativado relativamente a um bom bebedor. Ao aperceber-me de tal dissonância cognitiva e gustativa, não tive outro remédio senão o de começar a beber mais, embora dentro de limites pouco audazes, devo confessar. Apenas aqueles que já haviam estado de visita ao continente se entusiasmaram verdadeiramente com a minha presença: comentavam então a delícia das *pernas de pau*, bebidas numa tasca dos Restauradores, e a *ginjinha* de uma outra tasca do Rossio.

Recordações de álcool, afinal. Os marienses ufanam-se de Santa Maria ser, de todas as ilhas do arquipélago dos Açores, aquela em que se consome mais vinho. Significativo é o facto de entre os 58 estabelecimentos sujeitos a licenciamento sanitário existentes no concelho de Vila do Porto (dados relativos a 31 de Dezembro de 1984) 22 respeitarem a *mercearias e líquidos* e 23 a *tabernas*. O vinho que se produz em Santa Maria não é suficiente para satisfazer a procura interna. Uma significativa parte importa-se de S. Miguel.

Apesar da oralidade de julgamento gustativo dirigida ao vinho — *que tal este vinho?, que cheirinho, hem?* — entre os marienses, o prazer de *beber bem* tende quase sempre para a capacidade de  *muito beber*. Um copo quer-se bem *cheiinho*, senão é *careca*. Mas as medidas são meramente instrumentais. Há quem beba *quartilhos* (copos de meio litro); há os que pedem *cheiinhos*; mas também há os que se enchem com *meiozinhos* (meios copos). Eu próprio atingi a minha conta através deste último processo. Chegava a casa com a cabeça à roda, mas feliz com o *cheirinho* da tasca do *Morais* ou da taberna *Stop*. Sentia-me nessas ocasiões um açoreano e dava comigo a filosofar: «Filhos da mãe, estes continentais...» Aos poucos foram-me adoptando, num ritual de admissão que não teria sido possível se não me tivesse tornado um fiel apreciador do vinho da ilha, o *vinho de cheiro*. Com o *cheiro* a subir à cabeça, viam-me quase como um deles, abriam-se e contavam-me histórias, faziam-me participar da sua comunhão convivial, de uma identidade reconquistada à custa do *vinho de cheiro*.

Nas tabernas os *copinhos* ou *meiozinhos* vão-se bebendo ao mesmo tempo que as cartas estalam das mesas — os jogos preferidos são a *bisca* e a *sueca* — ou então joga-se dominó. Aos domingos, *copinhos* e *meiozinhos* podem também ser acompanhados da escuta, através da rádio, dos relatos de futebol. A simbologia dos copos (um *quarto de bola*, *meia bola*, *uma bola*...) cruza-se com a simbologia do futebol. *Penalty* é uma designação que também dão ao *meiozinho*. Serve para

molhar a goela. Bebe-se de um *gole*, ou golo, isto é, de um fôlego, instantaneamente — como instantaneamente, no futebol, se converte um *penalty* em golo. O golo que se festeja, que se grita (quando se converte o *penalty*, ante o golo que se saboreia, que escorrega pela garganta, quando se esvazia o copo. Em qualquer dos casos, a plenitude da festa, da concretização. Se o vinho falta no copo (ou o golo na baliza), falta a emoção da cor, do pretexto da festa, do convívio. *Só mais um!*, suplica o cliente, de copo vazio na mão, depois de sentir que já está a «ultrapassar a conta». *Só mais um!*, reclama o adepto da equipa à beira da goleada.

Da mesma forma que de um jogador que marcou um golo se diz que «molhou o bico», a peregrinação quotidiana que os marienses fazem às tabernas cumpre a mesma função simbólica: *molhar o bico*. O vinho desempenha entre os marienses uma função cultural própria: ele é a antitristeza simbólica, a face festiva do quotidiano de uma ilha que, para os marienses, é tomada como *presídio*.

O álcool proporciona uma evasão. À medida que o vinho se vai ingerindo, à medida que vai chegando à cabeça, a vida onerosa vai perdendo peso, torna-se ligeira, ágil, espontânea, em suma *alacer*. *Alacer* é a palavra latina donde provém a *alegria*, que, justamente, significa os atributos atrás referidos. *Alacer* corresponde também ao vocábulo grego *élafos*, que, para além desses atributos, significa *servo*. Os marienses, que se arrastam pesarosos no seu monótono e duro viver, convertem-se, na taberna, em ágeis servos logo que dão de *beber à dor*.

É no ambiente de festividade próprio da taberna que se congregam as partidas ao *Rosa Mota*. É ainda nesse ambiente que se reforça a identidade de grupo, isto é, dos que frequentam a taberna. Na periferia do grupo encontram-se os estranhos à ilha. *Cala-te aí ó português!* é uma irónica e comum ofensa que os marienses usam entre si.

Na periferia do grupo encontram-se também as mulheres que, embora nativas da ilha, se prendem aos *de fora*. Elas são associadas às forças *exteriores* — perigosas e incontroláveis — e, por tal motivo, cria-se uma espécie de antifeminismo por parte dos homens. Frequentemente a mulher é associada à anti-sociedade, às práticas da magia agressiva e da feitiçaria, às forças que corroem a ordem social estabelecida. Em tabernas de Santa Maria recolhi várias quadras que expressam este sentimento antifeminista:

*Para que quer' o eu mulher?  
Para tê-la no me leito?  
Para ela me fazer o mesmo  
Como a tua te tem feito?*

Poder-se-ia pensar que as tabernas seriam apenas pouso dos velhos marienses e que as novas gerações se afastariam dessa convivialidade tradicional. Todavia, tal não acontece. Talvez os rapazes prefiram mais a cerveja ao *vinho de cheiro*, mas continuam a frequentar as tascas. Em contrapartida, os jovens continentais, acompanhados das mais belas marienses, frequentam um luxuoso *pub*, propriedade

de um controlador, o *Central Pub*. Os rapazes marienses rondam a porta do *Central Pub*, mas vacilam ao entrar: aprumam-se, dão toques no cabelo, enfriam a camisa nas calças, avinçam as calças com as mãos, como que ganhando coragem para entrarem, mas acabam por desistir. Os preços também os espantam. O dinheiro de uma cerveja no *Central Pub* dá para uma rodada de quatro em qualquer taberna. Entre a cerveja tomada na tasca e aquela que é tomada no *Central Pub* há um mundo de vacilações: entre a tradição e a modernidade; entre o ser mariense e o desejo de dar o «salto»; entre a falta de uma identidade enraizada («nascer em Santa Maria, casar na Terceira, viver em S. Miguel») e a afirmação, ao nível mais regional, das raízes dessa identidade que se esvai e não se esvai («os da serra são labregos; os da vila, cidadãos; os da Almagreira, lapujos; os de S. Pedro, lambões»).

No fundo, a cultura mariense é toda ela uma cultura de temperamento oscilante: entre a passividade própria de quem se sente isolado e a excitação decorrente do contacto com os forasteiros. Essa cultura de temperamento oscilante tem sido constantemente estimulada ou avivada pela exposição da ilha ao exterior. Outrora foram as invasões piratas, foram os americanos. Correntemente, são as *marés de Agosto*, as férias e leilões dos *calafonas*, os contingentes de jovens continentais que aportam à ilha. É bem possível que este *temperamento oscilante* — nos antípodas das constâncias que parecem caracterizar a ética puritana — possa explicar a natureza e os sentidos do tráfego amoroso na ilha de Santa Maria, nos Açores.